

Breve análise do *sentido da vida* na filosofia de Victor Frankl

Adolfo Borges Filho*

Sumário

1. Introdução. Pesquisando a abrangência da expressão *sentido da vida* na filosofia de Victor Frankl. 2. Revisitando, em rápidas pinceladas, o livro *Em busca de sentido*. 3. O *sentido da vida* na infância; um exemplo literário. 4. O suicídio pode fundamentar a *busca de sentido*? 5. Conclusão: a *esperança* como companheira inseparável na *busca de sentido*.

Resumo

O principal propósito deste artigo é fazer uma breve pesquisa sobre a abrangência da expressão *sentido da vida* na Filosofia de Victor Frankl.

Abstract

The main purpose of this article is to do a brief research on the comprehensiveness of the expression meaning of life in Victor Frankl's Philosophy.

Palavras-chave: *Em busca de Sentido*. Victor Frankl. Sentido da vida. Suicídio. Esperança.

Keywords: *Man's Search for Meaning*. Victor Frankl. Meaning of life. Suicide. Hope.

1. Introdução. Pesquisando a abrangência da expressão *sentido da vida* na filosofia de Victor Frankl

O viver é algo espontâneo e, para a maioria das pessoas, não se fazem necessárias pausas mentais, no afã de se descobrir um objetivo específico para que o *existir* ganhe mais significado e, conseqüentemente, mais estímulo para seguir em frente, na realização e na aceitação de tarefas das mais variadas espécies, suportando, inclusive, as agruras imprevistas do cotidiano. Pode-se afirmar, com base tão somente

* Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB). *Visiting Scholar* na Harvard Law School (EUA), nos anos 1980-81. Procurador de Justiça do Estado do Rio de Janeiro inativo. Vice-Diretor da Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Professor Emérito da Escola Superior do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (FEMPERJ).

na nossa própria vivência, que atravessamos fases de diferentes níveis de maturidade, começando esse desenrolar de etapas na mais tenra infância e prosseguindo até a idade adulta. O surgimento de hábitos e de comportamentos pessoais se diversifica, dependendo dos cuidados recebidos ou dos maus-tratos infligidos nas primeiras fases da vida, não podendo ser ignorada a cruel desigualdade social vigente na humanidade.

Desde a “idade do berço” — lugar de dormir desconhecido por milhares de pobres — os cuidados para a sobrevivência física do recém-nascido deveriam ser iguais para todos. E esse cuidado permaneceria existindo na infância e na adolescência, até o atingimento da idade adulta. Claro que, no mundo injusto que habitamos, a noção de “cuidados básicos” é lastreada no desequilíbrio, prevalecendo, em termos numéricos, a classe social dos economicamente menos favorecidos. Pouquíssimas são as nações que conseguiram chegar a um patamar de igualdade social, oferecendo oportunidades de vida decente, doméstica e profissional, aos seus habitantes. O que exsurge dessa digressão preliminar é a indagação: independentemente da classe social ou do nível educacional, todos os seres humanos estão dotados do privilégio de buscarem um *sentido* para suas existências?

Para Victor Frankl, a vida deve ser encarada, primordialmente, como uma *busca por sentido*. Como seres humanos, sempre olhamos para os nossos “limites”; aquelas situações extremas que testam a fibra do caráter humano. Frankl sobreviveu no limite máximo de suportabilidade existencial. Daí ter concluído que o maior teste para todos nós é justamente o de descobrir um *sentido* para as nossas existências. E acrescentou que todos estão empoderados para o encontro desse *sentido*, independentemente da saúde corporal, da riqueza material ou de quaisquer circunstâncias que nos cerquem, ainda que terríveis ou desanimadoras. Possuímos sempre a habilidade de escolher a nossa atitude perante as situações impostas pela vida. Frankl era um exímio observador do comportamento e do pensamento humanos. Tanto assim que as suas pesquisas, baseadas em condições reais de existência, acabaram por se tornar uma escola psicológica mundialmente conhecida como Logoterapia.

Pretendemos, neste breve texto, realizar uma anatomia do *sentido* preconizado pelo fundador da Logoterapia, tentando estabelecer os seus contornos no tocante, principalmente, à questão ética. Sim, porque faz-se mister indagar o direcionamento desse *sentido* em termos de *escolha* idealizada pelo seu “buscador”, que tanto pode optar por ações direcionadas ao aprimoramento da espécie humana ou resvalar para o terreno pantanoso e lúgubre de um fanatismo destruidor. Em resumo: a nosso juízo, esse *sentido* deve corresponder a algo nobre que leve o homem a um estado de transcendência de seu próprio *ego*, em busca de se contrapor ao mal e de acarretar um benefício, de que ordem for, em prol da sociedade.

2. Revisitando, em rápidas pinceladas, o livro *Em busca de Sentido*.

Como prisioneiro de um campo de concentração nazista, Frankl teve a oportunidade de realizar uma profunda e profícua observação psicológica de si mesmo e de seus colegas de infortúnio. Quando alcançou a liberdade, com o término

da Segunda Guerra Mundial, escreveu, dentre outros livros, a preciosa obra que intitulou “Em busca de Sentido”, traduzida para vários idiomas e internacionalmente conhecida. A permanente atualidade desse livro encontra explicação, a nosso ver, no fato de a humanidade, apesar de ter avançado tecnologicamente, regrediu no terreno dos direitos humanos básicos, destacando-se, dentre eles, o *direito à liberdade*, nas suas diversas manifestações, no âmbito da vida comunitária.

No tocante ao *poder do propósito*, Frankl observou que os prisioneiros que sobreviveram, aqueles que acharam um caminho para resistir, sempre carregavam consigo um propósito maior que os fazia atravessar as condições difíceis que enfrentavam. Para alguns, tratava-se de uma criança abrigada em algum país distante e que aguardava por eles após a libertação. Para outros, era uma esposa ou um membro da família. E havia aqueles que imaginavam a existência de uma tarefa inacabada ou de algum trabalho criativo que demandava uma contribuição especial. Frankl e seus amigos estavam permanentemente vigilantes em relação a colegas prisioneiros que haviam perdido o propósito de viver.

A obra de Victor Frankl se constitui num marco relevante no que se refere, também, à sacralidade dos direitos humanos fundamentais, onde se pode destacar, de pronto, conforme já mencionado acima, o *direito à liberdade*, no sentido mais amplo da expressão. O holocausto não pode, jamais, ser esquecido. O sofrimento, ainda que possa imprimir sentido à vida, não deve figurar como algo banal e perfeitamente aceitável como parte obrigatória de nossa existência. Falo do “sofrimento” desnecessário e injusto causado por regimes autoritários, comandados por tiranos desumanos que se impõem à humanidade como donos do mundo. Na verdade, para esses ditadores, o sentido da vida reside no poder ilimitado de mando e na vontade de subjugar todos aqueles que se opõem às suas vontades malignas e insanas. Para concluir este tópico, destacamos excerto do livro “Psicoterapia e Sentido da Vida”, de Viktor Frankl, onde o autor esclarece, como criador da Logoterapia, características básicas dessa corrente da Psicologia: “Especificada como psicanálise, a psicoterapia esforça-se por chegar à conscientização do anímico. A logoterapia, pelo contrário, procura a consciencialização do espiritual. Com isto, na sua especificação como análise existencial, a logoterapia esforça-se especialmente por trazer o homem à consciência do seu ser-responsável, – enquanto fundamento essencial da existência humana”. (Frankl, 2019:81).

3. O *sentido da vida* na infância; um exemplo literário.

No universo da Literatura, encontramos um conto surreal em que o filósofo Kafka é colocado como personagem principal, atuando como “carteiro de bonecas”. Na leitura do texto, desvela-se a força do *sentido de vida* emanada de uma menina, que passou a sofrer desesperadamente quando a sua boneca desapareceu em um parque de Berlim, onde costumava levá-la “para passear”. Foi Dora Dymant, companheira de Kafka na época do acontecimento, quem teria “revelado” essa misteriosa história, cujo enredo tornou-se ficção no livro de Jordi, intitulado “Kafka e a Boneca Viajante”.

Para melhor esclarecimento dos leitores, a ficção criada por Jordi pode ser assim resumida: Kafka, já doente, frequentava o parque Steglitz, em Berlim, e estávamos no ano de 1923. Diante do choro convulsivo de Elsi, motivado pela perda da boneca Brígida, um dos pensamentos de Kafka foi o de se despedir da menina e sair do parque, na certeza de que a criança voltaria para casa, que ficava próxima ao local. Entretanto, penalizado diante da tristeza manifestada por Elsi, criou a história da “boneca viajante”, que já havia dado a ele sinal de vida ao escrever-lhe uma primeira carta, guardada em sua casa. As cartas seguintes passaram a fazer parte dos diálogos que Kafka e Elsi mantinham, quando se encontravam no parque. Fato é que o *sentido de vida* da criança passou a voltar, sem desbordar para temática diversa; a boneca estava “viva” no imaginário dela. O excerto do livro, que transcrevemos abaixo, revela uma divagação filosófica que o “personagem Kafka” inseriu numa dessas cartas “escritas pela boneca” e lida, por ele mesmo, para a menina, em um de seus encontros no parque:

“Elsi, você deve saber que viver é seguir sempre em frente, aproveitar cada momento, cada oportunidade e cada necessidade. Você também vai fazer a mesma coisa daqui a alguns anos. As pessoas e as bonecas são feitas de sentimentos e emoções que é preciso ir usando aos poucos. São nossa energia vital. Depois desses anos a seu lado, sou a boneca mais feliz que existe, cheia de energia. Quero que fique contente, e muito, porque tudo que sou devo a você. Você cuidou de mim, me ensinou muitas coisas, me amou e me fez ser uma boa boneca. Agora que me preparo para iniciar uma nova vida, a partida foi triste por deixá-la, mas bonita porque graças a você sou livre para fazer isso” (Fabra, 2006: 49).

O fato é que, ao final e ao cabo, a *busca do sentido* tem um valor extraordinário na existência humana e pode se manifestar de várias maneiras e em todas as fases de nossas vidas. É possível que se torne difícil identificar esse sentido em cada ser humano durante a maior parte de sua existência. No ápice de situações dramáticas, como no caso da boneca, a *perda do sentido de vida* por parte da criança se torna clara pelo desespero manifestado com o sumiço do brinquedo.

4. O suicídio pode fundamentar a *busca de sentido*?

O *sentido*, tão bem enaltecido por Frankl, é um alimento espiritual que se consome em vários momentos de nossas efêmeras existências, propiciando-nos uma força para continuarmos vivendo e criando *esperança* num futuro que, a princípio, se apresenta como incerto, ou mesmo, inexistente. *Sentido* é fôlego para se prosseguir em uma jornada de realizações terrenas, tornando-se, destarte, o melhor medicamento que nós mesmos autoadministramos para não cairmos no desespero e, quiçá, num estado depressivo, que pode nos empurrar para a morte.

Daí que o suicídio, sob a ótica da Logoterapia, não pode fazer parte do rol de objetivos abrangidos pelo *sentido*. O suicídio seria, na verdade, o apogeu da *falta de sentido*, quando tudo parece desmoronar, ou mesmo, obnubilar o que a alma tenta enxergar como meio de se manter afinada com uma correta tonalidade de sentimento.

No entanto, o que se pode deduzir de atos ditos heroicos em defesa da pátria, ou em prol de um fanatismo religioso? A tão propagada “greve de fome”, como meio de protesto político, por exemplo, entra nesse rol de ações suicidas. Essa *busca por sentido* seria ou não válida?

Fato é que, para Victor Frankl, “o suicídio não é um sentido de vida, mas sim um sinal de que o indivíduo perdeu a conexão com o sentido. Sua filosofia e prática clínica se orientam justamente para ajudar a pessoa a reencontrar esse significado e, assim, escolher a vida”. Em resumo: “Viktor Frankl, criador da *logoterapia*, não via o suicídio como um “sentido de vida”. Pelo contrário, sua obra enfatiza que o ser humano pode encontrar significado mesmo em meio ao sofrimento, e que justamente essa busca de sentido é o que previne o desespero e o autoextermínio” (IA do Google).

5. Conclusão: a *esperança* como companheira inseparável na *busca de sentido*.

Penso que a *esperança* é o complemento indispensável na *busca de sentido*. A própria narrativa de Frankl, no seu livro, deixa nítida e bastante inteligível essa assertiva. Na verdade, a *esperança* imprime potência ao objetivo dessa busca, propiciando a abertura do ser para que ele vislumbre o que poderá conseguir de prazeroso e, ao mesmo tempo, de realização existencial, quando o final dessa procura tiver sido alcançado. Ainda que o *dasein* não consiga chegar ao fim da jornada empreendida, o seu esforço já será coroado pela própria alegria do caminho percorrido. Já ouvimos falar de *ritos de passagem*, muito comuns em comunidades indígenas. Os rituais são, na sua maioria, dificultados por obstáculos a serem ultrapassados pelo *iniciado* para que consiga transpor a barreira do sofrimento e alcançar o *sentido* que, *v.g.*, uma determinada tribo lhe impôs como forma de consolidar o seu lugar naquela determinada comunidade. É possível que algo ruim aconteça ao “buscador”, mas a *esperança* de chegada ao término da provação alimentou o seu espírito, tornando-o forte até mesmo para uma passagem honrosa e serena em termos de “alçar voo” para outra *dimensão espiritual*.

Como bem assinalado pelo filósofo Byung-Chul Han, no seu livro “O Espírito da Esperança contra a Sociedade do Medo”:

A quem tem esperança o mundo aparece sob uma luz diferente. Ele recebe da esperança um brilho especial. O desejo ou expectativa não têm esse poder de transformar, revelar e iluminar o mundo. Eles apenas aguardam eventos ou objetos intramundanos que os satisfaçam. Cumprimento ou satisfação são estranhos à esperança. A esperança não está vinculada a um objeto ou a uma ocorrência intramundana. É um estado de ânimo, até mesmo um estado de ânimo fundamental, que determina e *afina* continuamente a existência humana. Ele pode até ser intensificado para um estado de *entusiasmo* e *exaltação*. (Han, 2023: 44)

Referências bibliográficas

BORGES FILHO, Adolfo. *A Permanente Atualidade do Livro “Em Busca de Sentido” de Viktor Frankl*. Artigo publicado no Observatório Filosófico da Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, edição nº 88, páginas 311-316, 2023.

FRANKL, Viktor E. *Man’s Search for Meaning*. Trad. da primeira parte por Ilse Lasch. 5ª edição. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 2006.

_____. *Em busca de Sentido*. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 57ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

_____. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. Trad. Alípio Maia de Castro. 7ª edição. São Paulo: Quadrante, 2019

GOOGLE. Inteligência artificial (Gemini). Resposta gerada a partir de consulta sobre “Suicídio e busca de sentido”.

HAN, Byung-Chul. *O Espírito da Esperança contra a Sociedade do Medo*. Trad. de Milton Camargo Mota. 1ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

SIERRA Y FABRA, Jordi. *Kafka e Boneca Viajante*. Trad. de Rubia Prates Goldoni. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.